

SÉRIE IV

VOLUME 17

SEPARATA DE

O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS

Fundado por José Leite de Vasconcelos

Joaquina Soares

Museus de território na era da globalização

LISBOA
1999

Museus de território na era da globalização

Joaquina Soares *

Resumo

Aborda-se o processo de territorialização do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal através da sua actividade arqueológica, a qual permitiu a construção de uma narrativa própria sobre as origens, evolução do povoamento e identidades culturais, socialmente apropriada, à escala regional.

O dinamismo desse sector do museu, onde por vezes é difícil confrontar o peso das componentes material e imaterial, contribuiu para a criação de um Passado reactivo onde a Etnografia desempenha um papel de descodificação, ou mesmo de iniciação, à sua experimentação.

Como se coloca a existência do MAEDS face às crescentes globalização da informação e compressão espaço-temporal? Esta é a interrogação maior que o texto levanta, não sendo certo que a resolva.

Résumé

Le processus de territorialisation du Musée d'Archéologie et d'Ethnographie du District de Setúbal est abordé par l'intermédiaire de son activité archéologique qui permet de construire l'histoire des origines, l'évolution du peuplement et des groupes culturels au niveau régional.

Le dynamisme du musée dans ce secteur, où il est parfois difficile de confronter le poids des composantes matérielle et immatérielle, a contribué à créer un Passé réactif dans lequel l'ethnographie joue un rôle pour décoder ou même initier son expérimentation.

Comment se situe le MAEDS face à la globalisation croissante de l'information et à la compression de l'espace et du temps? C'est cette question majeure que soulève, sans être certain de la résoudre, le texte suivant.

* Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

O local e o global

Vamos, rápida e coloquialmente, juntar, da forma mais inteligível que nos é possível, um conjunto de dúvidas, aparentemente desconexas, que nos assaltam na compatibilização que somos forçados a realizar, quotidianamente, da escala local das identidades e da global, da universalidade de uma Humanidade robot, verdadeiramente inexistente, mas que se tornou matricial no pensamento moderno.

Muitos dos sonhos que começávamos a associar à ideia da sociedade dita pós-industrial, como a efectiva democratização da informação, a redução, por essa via, da exclusão, a eliminação dos constrangimentos da distância, o fomento da solidariedade, da participação cívica, ficaram suspensos e atónitos face à recente guerra nos Balcãs. Como enquadrar o recrudescimento dos conflitos étnicos e, em sua resposta, a eclosão da força bruta e desmedida, sem mecanismos de controlo no plano nacional, que o capitalismo avançado acaba de ostentar no Kosovo?

Dos efeitos negativos da globalização que têm vindo a ser projectados por diversos autores, sublinhamos a tendência para a uniformização, de onde decorre perca de diversidade cultural, massificação dos padrões de consumo, terreno fértil para o sucesso de fenómenos como *Mc. Donalds* e/ou *Coca-Cola*, só para citar dois exemplos. O aspecto mais grave deste processo é, porém, a subserviência dos governos nacionais às grandes empresas multinacionais. Estas, e não aqueles, passarão, neste cenário tendencial, a controlar, sem qualquer legitimidade democrática, os destinos da Humanidade. Um poder imenso, sem nome nem rosto, nem lugar, porque estará em toda a parte, e onisciente porque controlará toda a informação, ditará o futuro ou colapso da Humanidade, completamente subjugada aos interesses do capitalismo global; esta imagem huxleiana, embora possamos estar já a navegar em suas águas, é francamente perturbadora.

Também a homogeneização do património se tem vindo a acentuar, favorecida, sobretudo, pelo centro do património mundial da Unesco¹. Se a sua acção se destina a classificar e proteger os sítios de património cultural e natural mundialmente relevantes, essa acção constitui também uma forma de descontextualizar aqueles valores patrimoniais, de os roubar à herança memorial, afectiva e cultural de uma determinada comunidade e de os colocar no trajecto da acumulação capitalista, através das indústrias do património, do lazer e do turismo que quase sempre beneficiam mais as agências internacionais que a comunidade local². Mesmo que recriada, a autenticidade dos lugares de mate-

¹ Cf. de entre a numerosa literatura produzida por aquele organismo da Unesco: *Convenções e recomendações da Unesco sobre a protecção do património cultural*, 1983; o boletim *La lettre du patrimoine mondial*, Pressouyre, 1993.

² Visitar o passado é frequentemente entendido como uma viagem por fantásticas geografias. O tempo revela-se como uma dimensão geradora de espaço, valência do maior interesse para uma época espacívora como a nossa, ou, no dizer de David Harvey (1989), submetida a uma compressão espaço-temporal.

rialização do génio humano ou de esplendor da Natureza constitui um importante factor explicativo de significativos fluxos turísticos³.

Assim, a partir de uma intervenção homogeneizadora, engendram-se distintas oportunidades de ganho financeiro, apropriação socialmente diferenciada do rendimento, enfim, desigualdade.

A homogeneização e uniformização são, porém, bem mais peliculares do que aparentam, e, em todo o caso, constituem efeitos secundários do processo da globalização económica; a sua promoção deve-se, em grande parte, a mecanismos do tipo *terceiras culturas*, eminentemente internacionalizadas, que desempenham o papel de mediadoras na comunicação intercultural (Feathersstone, 1997, p. 89). Com efeito, o espaço produzido pelo capitalismo avançado está longe de ser isomorfo, qual planície lisa e branca. Como marca de classe da nova geografia, refira-se o empreendimento London's Docklands. Construído na década de 80, com base nas filosofias de renovação e reabilitação dos patrimónios cultural e natural das frentes ribeirinhas e do dinamismo empresarial, este projecto criou, sem dúvida, um ponto liberto do constrangimento do espaço, nó da chamada pós-industrial "digital highway" (Dunn e Leeson, 1993); este é afinal um denso e diferenciado ponto no mapa do nosso presente e futuro próximo, dotado de elevada concentração de poder antidemocrático e discricionário, da nova ordem do capitalismo global que cria, obviamente, uma paisagem desigual, necessária ao seu próprio desenvolvimento e na qual, indelevelmente inscrita, se encontra a luta de classes (Lefebvre, 1991). A obra afectou directamente uma população de cinquenta mil pessoas, na sua maioria pertencentes a classes trabalhadoras. A área ficou sob o controlo da LDDC, uma corporação não eleita; os poderes locais foram restringidos e o Greater London Council, abolido (Bird, 1993). Penetrar em Canary Wharf constitui uma experiência de atravessamento fronteiriço de fim de milénio, mas também de exclusão, uma visita à catedral da alta finança internacional, onde a cultura de mercado soterrou a vida e as histórias da comunidade local.

Os museus de arqueologia territorializados e a globalização

Será possível a um museu local ou regional, com orçamentos modestos e recursos limitados, participar no debate e na construção ideológica globais? Na construção de narrativas sobre o Passado? Entender a linguagem universal e fazer compreender a sua? Lutar com sucesso pela equidade na distribuição de meios e no aplanamento de fronteiras e fossos que desde logo se colocam na mera escala nacional?

Esta é a questão central para a qual não possuímos respostas, mas que nos merecerá alguma reflexão, referida à experiência do MAEDS.

Sabemos hoje que a globalização da informação, ao invés de proporcionar um amplo e igualitário acesso ao conhecimento, alargou o fosso da desigualdade entre a elite já informada dos países desenvolvidos que viu, substancialmente, melhoradas as condições de acesso à informação, e os outros, do vastíssimo mundo subdesenvolvido, que estão no exterior da rede. É frequente

³ Para o espaço português, atenda-se ao caso de Évora, classificada (cidade intramuros) como Património da Humanidade, em 1986 (Fortuna, 1997).

ouvirmos comentários do tipo “Na internet encontro toda a informação de que necessito”. Esta é a voz dos que estão do lado de dentro e não podem deixar de exaltar as possibilidades abertas pela revolução das novas tecnologias. Para os iniciados, criou-se mais igualdade no acesso ao conhecimento, aprofundou-se a democratização da informação, mas à maneira grega.

Não tememos como alguns autores, neste nível de análise, o perigo da homogeneização, pois ocorre igualmente formação de diversidade; os dados são imensos e as combinações proporcionadas pelas diferentes interpretações, quase ilimitadas. A uniformização de comportamentos que os novos sistemas de informação tendem a gerar também não pode ser vista em termos absolutos, porque ao mesmo tempo que aquela se desenvolve, a fragmentação induzida pelas múltiplas possibilidades oferecidas por um mercado abrangente, cada vez mais flexível e por uma comunicação cuja fluidez não tem parado de aumentar, gera novas sociabilidades, grupos de interesses específicos, novas comunidades e identidades que poderíamos chamar de tipo virtual. Atenda-se às manifestações anticapitalistas que tiveram lugar em várias cidades europeias e americanas, mas principalmente no centro financeiro de Londres, no dia 18 de Junho, completamente organizadas através da Internet, pelo grupo Critical Mass, na sequência da cimeira do G-8, em Colónia. No centro das manifestações esteve o protesto contra a dívida do Terceiro Mundo. Em Londres foi o caos, vários milhares de manifestantes atacaram centros nevralgicos, dezenas de pessoas foram feridas; o prejuízo material, calculado em cerca de cinco milhões de libras (Eunice Goes, Diário de Notícias de 20/6/99).

Se não comungo da fé de Ian Hodder (1998) que se prontifica a deixar-se levar a favor da corrente, concordo com este autor, embora com algumas reservas, quando o mesmo enaltece as virtudes da *web* na promoção da interacção e da multivocalidade, a propósito do projecto de escavação que dirige no sítio de Çatalhoyuk. Este autor preconiza o lançamento na *web* de toda a base de dados da escavação, de forma a facilitar a participação e a interpretação dos resultados por parte da maior diversidade possível de grupos, mesmo pondo em risco os direitos de autor, ao serviço da abolição do secretismo, da acessibilidade imediata e da participação alargada no processo de investigação, que designa por multivocalidade.

Em Çatalhoyuk, diz Hodder, “queremos que a reconstrução virtual da jazida seja a cabeceira da base de dados. Os utilizadores não especialistas podem assim navegar pela jazida virtual e encontrar a informação arqueológica com o nível de detalhe desejado” (Hodder, 1998, p. 8). Com a disponibilização na *web* da base de dados sobre Çatalhoyuk, pretende aquele autor interagir com grupos internacionais educados. Por outro lado, assegura, através da exposição no museu e de visitas ao povoado, a comunicação com a comunidade local, de vincado carácter rural. Assim, está a criar um multi-sítio, onde cabem todas as imagens de Çatalhoyuk que possam ser imaginadas. Com o gosto pelas metáforas que o caracteriza, Hodder chega mesmo a afirmar que de alguma forma o único lugar onde Çatalhoyuk não existe é em Çatalhoyuk, querendo significar com isto que cada pessoa constrói a sua própria versão do sítio.

Sublinhe-se que Hodder acredita ser possível levar para a arena internacional da informação uma realidade tão ou mais objectiva que a realidade material de um sítio arqueológico, reservando ao museu o papel de invólucro de um Passado residual, empírico, para consumo local. Ao contrário do que se poderá

supôr, esta é uma das virtudes dos museus locais. A capacidade para guardar as experiências, os objectos e as linguagens locais e a disponibilidade para com eles engendrar narrativas territorialmente enraizadas fazem da instituição museológica um espaço de expressão da multivocalidade de largas periferias que não acedem aos cenários internacionais; os museus convertem-se igualmente em lugares de resistência e em sítios de memória e de afectos, em patrimónios que abrem a passagem ao reconhecimento de identidades. Nessas viagens de reconhecimento que o museu proporciona reconstrói-se o contacto face a face com o outro, que chega do Passado ou caminha para o futuro e, bem assim, com o lugar de origem ou da verdade do Ser na concepção de Heidegger (1966).

O desenvolvimento da vertente localista e da capacidade de resistência não pode, no entanto, fomentar isolamento e autarcia. O museu deve ser um dos interlocutores na comunicação entre o nível local ou regional e o internacional. No sábio equilíbrio, desejavelmente instável, entre essas duas escalas de comunicação do mundo actual, reside o futuro dos museus regionais.

Neste momento, o MAEDS elabora o seu site, na Internet; separa da imensa informação disponível a que se afigura relevante e, nessa selecção, adquire uma nítida consciência da sua marcada territorialização, muito embora seja um museu apenas com um quarto de século, cuja génese entronca na do poder local em Portugal. De facto, encontra-se disperso no território regional, no património arqueológico e etnográfico que, paulatinamente, foi constituindo nas paisagens mais do que nas colecções, inevitavelmente sobras de actos de descontextualização; o museu está igualmente patente em muita da produção bibliográfica sobre a região e impresso no imaginário de milhares de estudantes que viu crescer. Este lastro, com um enorme conjunto de exigências, não o paralisa ou entorpece, porque sempre escolheu investir o melhor do seu esforço na criação, na investigação, enfim, na produção cultural. E por essa avenida se chega a outros meios, de escala mais ampla, onde o desafio se coloca na aceleração do ritmo das intervenções, no alargamento das redes de interacção, na qualificação crescente dos recursos humanos, no recurso à interdisciplinaridade e a processos integradores na pesquisa científica.

Arqueologia e identidade regional

O Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal completou, em Dezembro de 1999, vinte e cinco anos de existência. Foi criado em finais de 1974 pela Junta Distrital de Setúbal. Abriu em 1976, mas, antes, já havia marcado encontro com um público feito de largos milhares de pessoas dos mais recônditos lugares e das mais variadas classes etárias e socio-profissionais, em associações de cultura e recreio, museus, bibliotecas, escolas, na rua, no mercado. O veículo dessa interacção foi a exposição itinerante “*Origem e Evolução do Homem*”⁴, que apresentava, segundo uma perspectiva marxista, o processo histórico, sempre que possível referido à realidade arqueológica do Sul de Por-

⁴ Exposição organizada pelo arqueólogo Carlos Tavares da Silva e pelo pintor e designer Le Mattre de Carvalho, coadjuvados por Antónia Coelho Soares, Alfredo Vicente da Silva e António Joaquim Moraes Braga.

tugal. Era um museu fora de portas, que começava a existir mesmo antes da definição de um corpo sólido enquadrante e da configuração do respectivo acervo.

Surgiu como uma estrutura científica e cultural descentralizada. Consolidou um núcleo de produção própria, quer no domínio da divulgação cultural, quer no da investigação arqueológica. *Ca.* 80% das exposições temporárias até hoje apresentadas foram organizadas pelo próprio museu; numerosas conferências, seminários, cursos, visitas guiadas têm vindo a dar corpo a programas de formação, animação e de divulgação cultural, particularmente ancorados no património cultural da Região. O funcionamento do serviço educativo privilegia o conceito de ecomuseu.

O desenvolvimento da investigação arqueológica levou à criação do Centro de Estudos Arqueológicos cuja actividade se reparte também pelo domínio da aplicação. Actua em situações de emergência e salvamento, segundo a óptica da compatibilização do desenvolvimento urbano-industrial com a defesa do património, e na área da pesquisa fundamental, orientada pelos seguintes projectos de tempo longo desenvolvidos, regra geral, de parceria com outras instituições: “A transição das comunidades mesolíticas para as primeiras sociedades produtoras de alimentos/processo de neolitização no Sul de Portugal”; “A feitoria de Abul e o comércio fenício no Atlântico”, subtema do projecto mais amplo “Exploração arqueológica do Sado”; “Pré-existências da cidade de Setúbal”; “Povoamento e Arqueologia da Paisagem durante a Pré-história recente e a Proto-história no sector oriental da Arrábida”.

O MAEDS organizou e/ou participou em mais de meia centena de escavações arqueológicas.

Edita uma revista da especialidade, “Setúbal Arqueológica”.

Defende para a instituição museológica um protagonismo não só no plano cultural e científico, mas também no desenvolvimento económico-social regional. Vários programas de mobilização dos bens culturais de carácter material e imaterial têm sido concretizados com sucesso, visando a implementação da vertente endógena do desenvolvimento regional.

O museu é entendido como um espaço de liberdade, incentivador da criação, amplamente aberto à sociedade civil, onde a produção e consumo culturais devem ser estimulados.

A noção de museu apresentada passa pelo reconhecimento desta instituição como casa comum da população de uma região, uma vez que é guardiã de importante parcela da herança cultural colectiva e também como instância de mobilização de esforços para o desenvolvimento.

O reforço da intervenção social do museu no quadro da crescente importância das actividades quaternárias é desejável em atenção às suas funções de dinamização socio-cultural e ao seu contributo para a qualificação do perfil da Região. Para a construção e manutenção de uma imagem de prestígio do Distrito de Setúbal será essencial ampliar a oferta cultural, inscrevendo-se aí, necessariamente, a diversificação e modernização dos espaços museológicos. A este discurso de planeador, ou próprio da ciência regional, acresce o do humanista, mais enraizado na tradição museológica. Ignorá-lo seria um desperdício, revê-lo criticamente, destradicionalizá-lo, impõe-se. O Museu do futuro ou com futuro será, essencialmente, produção imaterial, será função do sistema ideológico e simbólico que conseguir criar e manter, não necessariamente apoiado em

extensas colecções mais ou menos “fossilizadas”, mas no trabalho criativo e no património inscrito nas paisagens exteriores e/ou interiores, físicas e psíquicas, em que as populações se possam encontrar consigo próprias, dialogar com as memórias, reflectir sobre o devir. Desta filosofia decorre o nomadismo do MAEDS, a sua dispersão pelo território regional, a criação de patrimónios e de narrativas sobre o Passado local/regional.

Principais intervenções arqueológicas do MAEDS

Seleccionámos, como indicador do enraizamento e dispersão territorial do MAEDS, as principais intervenções arqueológicas que, como veremos, revelam bem o evoluir das conjunturas que, interagindo com a estrutura programática e filosófica do museu, foram modelando existências museológicas, relativamente bem adaptadas e cujo denominador comum tem sido a sua capacidade de resistência às crises, a irreverência e criatividade, um espaço de contrapoder genuinamente forjado pela sociedade civil.

Na segunda metade dos anos 70, período da fundação, importa salientar o arranque do projecto de arqueologia urbana de Setúbal, as intervenções nos povoados pré-históricos da Comporta-Carrasqueira e da Ramalha. Esboça-se, então, a vocação para a arqueologia do litoral. A área de trabalho do MAEDS inclui, com algumas excepções, motivadas por parcerias, duas grandes unidades fisiográficas: a costa sudoeste e o vale do Sado.

Na década de 80, reforçam-se as tendências anteriores, ganhando relevo o programa de escavações arqueológicas na fortificação calcolítica de Monte da Tumba (Torrão) e no Castelo de Alcácer do Sal, ambas da inteira responsabilidade deste Museu. Duas outras intervenções, sem dúvida muito mais restritas, mas igualmente dignas de destaque, tiveram lugar nos concheiros de Montes de Baixo (Rib.^a de Seixe) e Castelejo (Vila da Bispo), motivadas pelo projecto de investigação “A transição das comunidades mesolíticas para as primeiras sociedades produtoras de alimentos/processo de neolitização no Sul de Portugal”. Ainda nos anos 80, registou-se uma nítida ampliação da área de intervenção do museu, enquanto estratégia de superação de dificuldades locais criadas no seio da instituição de que depende. Nesta mesma década, em que é sublinhada a vocação marítima do museu, adquirem relevo as parcerias, sistematicamente mantidas, com a Área de Paisagem Protegida do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina e o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul (IPPC-Évora).

Na década de 90, a actividade do MAEDS recentrou-se na área de origem: Península de Setúbal e paleo-estuário do Sado, talvez em resultado das perspectivas geradas pelo malogrado projecto de regionalização que agregava o sul do Distrito ao Alentejo e o Norte, à Região de Lisboa/Setúbal. Três projectos orientaram as intervenções do MAEDS: “Exploração Arqueológica do Sado” (parceria luso-francesa); “Povoamento e Arqueologia da Paisagem durante a Pré-história recente e a Proto-história no sector oriental da Arrábida” (colab. do Instituto do Património Arqueológico, Parque Natural da Arrábida, Câmara Municipal do Barreiro) e “Arqueologia Urbana de Setúbal”.

1975-1979

Necrópole megalítica de Fernão Vaz (Ourique) – Escavação (1975) dos monumentos I e II de Fernão Vaz. A sepultura megalítica de Fernão Vaz I é constituída por câmara poligonal, sem corredor; entrada diferenciada, com encerramento monolítico. Câmara protegida por mamoa dotada de robusta estrutura pétreo. Neolítico médio. Direcção dos trabalhos: Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva. A sepultura megalítica de Fernão Vaz II apresentava planta piriforme e encontrava-se circundada por *tumulus* com estrutura basal pétreo, de planta circular. Direcção da escavação: Carlos Tavares da Silva e Caetano de Melo Beirão. Bibliografia principal: Beirão e Silva, 1978.

Necrópole da Idade do Bronze de Casas Velhas (Melides) – Intervenção de emergência na sequência da descoberta do sítio por acção de lavoura mecanizada. Realizaram-se duas campanhas arqueológicas, respectivamente em 1975 e 1976. Identificaram-se dois núcleos sepulcrais de sepulturas de tipo cista, sem estruturas tumulares envolventes, do Bronze Médio do Sudoeste. Cf. Soares e Silva, 1995; Soares e Silva, 1998.

Jazida romana do Creiro (Arrábida) – Operação de desmatção e delimitação da área arqueológica do Creiro (1976) de forma a evitar a sua afectação por construções clandestinas, fenómeno que atingiu extensivamente a orla meridional da Arrábida, na segunda metade dos anos 70. Trabalho dirigido por João Rosa Viegas.

Castelo de Alcácer do Sal – Operação de salvamento (1976) no Castelo de Alcácer do Sal motivada por obras de construção de reservatório subterrâneo, para abastecimento de água à vila. Esta intervenção, dirigida por João Rosa Viegas, limitou-se à crivagem das terras provenientes do fosso aberto para a construção do reservatório, de onde resultaram alguns conjuntos de espólio tipologicamente significativo, abrangendo uma extensa cronologia, desde a Idade do Ferro à Idade Moderna. Bibliografia principal: Alarcão, 1978; Dias, 1978; Soares, 1978.

Necrópole do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) – Suspensão das obras de terraplenagem no olival do Senhor dos Mártires que levaram à destruição de sepulturas romanas de incineração (1976). De entre o material recuperado, merece destaque uma inscrição do séc. I d.C. Actividade desenvolvida por João Rosa Viegas.

Povoado do Neolítico final/Calcolítico inicial do Cabeço da Mina (Torrão) – Prospecções de superfície e sondagem-teste (1976). Intervenção integrada em projecto de identificação e caracterização dos padrões locativos dos habitats do Neolítico final e Calcolítico do Sudoeste português. Actividade desenvolvida por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Bibliografia principal: Silva e Soares, 1976-77.

Povoado calcolítico do Cortadouro (Ourique) – Escavação arqueológica (1976) no povoado fortificado do Cortadouro, localizado na margem esquerda do Mira, sobre o chapéu de ferro de uma eflorescência mineira. Intervenção

integrada em projecto de identificação e caracterização do padrão locativo dos habitats do Neolítico final e Calcolítico do Sudoeste português. Actividade desenvolvida por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Bibliografia principal: Silva e Soares, 1976-77.

Povoado neolítico da Ramalha (Almada) – Intervenção de emergência (1977) motivada por urbanização, na jazida ribeirinha da Ramalha, localizada na margem de antigo esteiro do Tejo. A escavação arqueológica, realizada de colaboração com o Centro de Arqueologia de Almada e dirigida por Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, revelou uma sequência estratigráfica (três metros de potência) com nível do Paleolítico e níveis do Neolítico médio.

Comenda (Arrábida) – Primeira campanha de escavações arqueológicas (1977) no complexo romano de salgas de peixe (séc. I-IV d.C.) da foz da Rib.^a da Ajuda. Colaboração do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. Direcção de Jorge Alarcão e João Rosa Viegas.

Gruta pré-histórica do Seminário de S. Paulo (Almada) – Intervenção de emergência (1978) desencadeada por abertura de valas destinadas a condutas de água, as quais puseram a descoberto vestígios de uma gruta funerária do Neolítico final, muito destruída. Colaboração do Centro de Arqueologia de Almada.

API-Setúbal – Prospeção da Área do Plano Integrado de Setúbal (1978), a pedido do Fundo de Fomento da Habitação. Reconhecimento das estações romanas da Pedra Furada e da Quinta da Alegria. Actividade desenvolvida por João Rosa Viegas. Cf. Soares e Silva, 1979.

Parque Natural da Arrábida – Prospeção da área abrangida pelo PNA (1978), a pedido da respectiva Comissão Organizadora. Identificaram-se duas jazidas arqueológicas: – *povoado calcolítico do Moinho do Cuco* e *gruta da Figueira Brava*, esta última, com a colaboração do Centro de Arqueologia de Almada. A gruta da Figueira Brava revelou espólio e fauna do Paleolítico médio. Trabalhos desenvolvidos por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Bibliografia principal: Silva e Soares, 1986.

Acampamento de mariscadores do Bronze final das Pontes de Marchil (Faro) – Realização de duas campanhas arqueológicas de emergência (1978-1979) no estabelecimento plano e aberto das Pontes de Marchil, antes da urbanização do local. Tanto o espólio como uma datação ¹⁴C permitem datar este sítio, especializado na exploração dos recursos da ria de Faro, dos inícios do Bronze final (séc. XII a.C.). Arqueólogos responsáveis pela escavação e estudo: Caetano de Melo Beirão, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Mário Varela Gomes, Rosa Varela Gomes, Antónia Coelho Soares, Jorge Pinho Monteiro. Bibliografia principal: Monteiro, 1980; Soares e Silva, 1998.

Alto de S. Francisco (Pré-Arrábida) – Realização de sondagem arqueológica (1979) com o objectivo de classificar a jazida, identificada por achados de superfície. Obteve-se uma única fase de ocupação, do Neolítico final. Trabalho

da responsabilidade de Carlos Tavares da Silva. Bibliografia principal: Silva e Soares, 1986.

Travessa de Frei Gaspar (área urbana de Setúbal) – Intervenção de emergência (1979) que pôs a descoberto uma oficina de preparados piscícolas, construída no último quartel do séc. I d.C. e mantida em funcionamento durante o Alto Império. Após abandono durante o Baixo Império, sofreu uma reactivação parcial no séc. V d.C. Presentemente, encontra-se patente ao público nos baixos do edifício onde funciona a Região de Turismo de Setúbal. Trabalhos dirigidos por Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho Soares e Luísa Ferrer Dias. Bibliografia principal: Silva, Soares e Soares, 1986.

Povoados neolíticos da Comporta – Realização de sondagens arqueológicas (1979) em seis habitats de ar livre da Comporta-Carrasqueira, do Neolítico médio ao Neolítico final/Calcolítico inicial: Pontal, Barrosinha, Sapalinho, Celeiro Velho, Malhada Alta, Possanco. Estes trabalhos revelaram um complexo cultural associado a economias ribeirinhas, com grande desenvolvimento no paleoestuário do Sado, do Neolítico médio aos inícios do Calcolítico. Posteriormente, viríamos a identificar mais três povoados com a mesma filiação cultural, na margem direita do Sado: Faralhão, Abul e nível de base do Castelo de Alcácer do Sal. Bibliografia principal: Soares e Silva, 1980; Silva [et al.], 1986.

Castelo de Alcácer do Sal – Primeira campanha de escavações (1979). Obteve-se uma sequência estratigráfica notável, com seis metros de espessura e com as seguintes fases de ocupação: Neolítico final, Bronze final, I Idade do Ferro (séc.VII-VI a.C.), II Idade do Ferro (séc.IV-III a.C.), III Idade do Ferro (séc.II-I a.C.), Época Romana e Idades Média e Moderna.

A par de um espólio abundante, foram identificadas estruturas arquitectónicas das ocupações sidéricas, dos períodos romano e pós-romano. Estas encontram-se expostas ao público.

De entre os materiais recolhidos destaca-se um conjunto de cerâmicas domésticas, completas, que se encontravam sobre o piso de uma habitação (C.8e) e sob os barrotes incarbonizados do telhado da mesma casa (C.8d). Estes materiais foram datados do séc. IV. a.C. Uma amostra de carvão, de um dos barrotes referidos, forneceu uma data concordante, até agora inédita, que aponta para o final do séc. V a.C./inícios do IV a.C. : CSIC-635 (Sector II, Q. Q15, C.8d); data 14C = 2320±50 ; cal BC a 1s: 401 (391) 372; cal BC a 2s: 415 (391) 207 (calibrações efectuadas por cortesia de A. Monge Soares, seg. Stuiver e Pearson, 1993, *Radiocarbon*, 35, p. 1-23). Equipa de arqueólogos responsável pelas escavações: Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Caetano de Melo Beirão, Luísa Ferrer Dias e Antónia Coelho Soares. Bibliografia principal: Silva [et al.], 1980-81.

1980-89

Área Urbana de Setúbal – Escavações de emergência realizadas com o apoio do Instituto Português do Património Cultural:

- *Praça de Bocage* – Escavação no sector meridional da Praça de Bocage (1980), onde foi possível exumar uma oficina de produção de salgas de

peixe construída no último quartel do séc. I, mantida em funcionamento até ao final do séc. II e transformada em lixeira nos sécs. III-IV. Sobre o estrato de ocupação romana, depositou-se uma sequência estratigráfica em que estão representadas as principais etapas da história da cidade. Colaboração da Câmara Municipal de Setúbal. Trabalhos dirigidos por Carlos Tavares da Silva e Antónia Coelho Soares. Bibliografia principal: Silva e Soares, A. C., 1980-81.

- *Rua António Joaquim Granjo, n.º 45* – Sondagem de emergência (1981) que revelou níveis da Época Romana e do séc. XVII. Direcção de Carlos Tavares da Silva.
- *Rua António Januário da Silva* – Sondagem de emergência (1982) que revelou estrato de ocupação romana, com uma cetária sobreposta por níveis dos sécs. XIII-XVI. Direcção de Carlos Tavares da Silva.
- *Travessa dos Apóstolos* – Escavação de salvamento (1983-1985). A informação proporcionada revolucionou o paradigma das origens de Setúbal, recuando para o séc. VIII-VII a fundação do primeiro povoado estável da foz do Sado. Na pequena colina de Santa Maria implantou-se um *habitat* do Bronze final, na fase em que os mercadores fenícios, possivelmente do Círculo do Estreito, iniciam contactos regulares com a região do Baixo Sado. A base da sequência estratigráfica ilustra bem o processo de aculturação. Os momentos pleno e tardio da II Idade do Ferro encontram-se ausentes daquela sequência, onde as presenças romana e pós romana foram assinaladas. Colaboração do IPPC. Direcção de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Bibliografia principal: Soares e Silva, 1986; Cardoso, 1986.
- *Praça Machado dos Santos* – Sondagem de emergência. Níveis da Época Romana e do séc. XVII. Direcção de Carlos Tavares da Silva.
- *Rua Afonso Pala* – Sondagem de emergência. Ocupação pós-romana. Direcção de Carlos Tavares da Silva.
- *Largo António Joaquim Correia* – Sondagem de emergência. Ocupação pós-romana. Direcção de Carlos Tavares da Silva.
- *Travessa da Portuguesa* – Obtenção (1987) de uma das mais importantes sequências estratigráficas para o conhecimento da Setúbal medieval e recolha de elementos decisivos para a construção de um modelo de paleogeografia da Setúbal pré-clássica à Setúbal medieval. Direcção de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Bibliografia: Soares, 2000.
- *Largo da Misericórdia* – Intervenção (1988) em extensão que permitiu pôr a descoberto, na base da estratigrafia, uma olaria de produção de ânforas romanas da forma Dressel 14, do período Tibério-Cláudio. Direcção de Carlos Tavares da Silva. Bibliografia: Silva, 1990 e 1996.
- *Praça de Bocage* – Sondagem (1988) muito restrita, no sector ocidental da praça (Crédito Predial Português) cuja principal contribuição foi a detecção de um nível do período muçulmano, muito mal representado na área urbana de Setúbal. Direcção de Carlos Tavares da Silva.

- *Praça de Miguel Bombarda* – Apoio técnico à escavação realizada, em 1989, ao longo da fachada meridional da igreja do Convento de Jesus e na área central do largo, por iniciativa do IPPC. Direcção de Carlos Tavares da Silva. Esta intervenção permitiu identificar as grandes fases construtivas da igreja do Convento de Jesus e, bem assim, a evolução da praça fronteiriça. Bibliografia: Silva e Pereira, 1989.
- *Avenida Luisa Todi (Edifício BCP)* – Escavação em extensão realizada em 1989, que revelou níveis e estruturas da época romana muito desmanteladas por erosão fluvial, estacaria do período islâmico e restos da muralha da Baixa Idade Média. Nas estruturas das Idades Moderna e Contemporânea foi possível observar os efeitos dos sismos de 1531 e 1755. Direcção de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.

Montum de Baixo (Melides) – Escavação de emergência (1980-81) num povoado de ar livre do Neolítico, ameaçado por lavoura mecanizada. Colaboração do Grupo de Trabalhos Arqueológicos (GTA) do Gabinete da Área de Sines (GAS). Direcção de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Bibliografia principal: Soares e Silva, 1982; Silva e Soares, 1987a.

Castelo de Alcácer do Sal – Realização da 2.^a e 3.^a campanhas de escavação arqueológica (1980-81). Para a Idade do Ferro obteve-se uma sequência estratigráfica mais completa que a da campanha anterior, com boa representação dos sécs. V e III. Alargou-se a escavação dos estratos romano e pós-romano. Colaboração do IPPC e apoio da Câmara Municipal de Alcácer do Sal. Direcção de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.

Ilha do Pessegueiro (Sines) – Participação nas escavações na Ilha do Pessegueiro (1980-1983), da iniciativa do GTA do Gabinete da Área de Sines. Identificou-se um estabelecimento portuário de apoio à navegação costeira, com vestígios de ocupação da II Idade do Ferro e níveis e estruturas romanas, do séc. I ao séc. IV-V d.C. Direcção de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Bibliografia principal: Silva e Soares, 1993.

Gaspeia (Alvalade do Sado) – Realização de escavações de salvamento (1981) que revelaram a existência de um povoado do Neolítico antigo evolucionado. Com um único nível de ocupação, onde se conservaram numerosas estruturas de *habitat*, este sítio abrangia uma área extensa e arenosa da margem esquerda do médio Sado. Colaboração da Secretaria de Estado da Cultura. Direcção de Carlos Tavares da Silva. Bibliografia principal: Silva e Soares, 1987a.

Monte da Tumba (Torrão) – Escavações de salvamento de um povoado calcolítico, fortificado (1982-87), descoberto aquando de obras de construção de uma vivenda. As escavações vieram revelar a primeira fortificação complexa, equiparável às da Estremadura, na faixa sudoeste portuguesa. Esta, ao invés de obedecer a um plano prévio, “importado”, mostrou ser o resultado de diversas fases de construção e reconstrução, iniciadas em um Calcolítico inicial (UGRA172 – 4540 ± 90 BP) e definitivamente interrompidas durante o Horizonte Campaniforme. Colaboração do Instituto Português do Património Cultu-

ral, apoios da Câmara Municipal de Alcácer do Sal e da Junta de Freguesia do Torrão. Direcção de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva, coadjuvados por Antónia Coelho Soares e Fernando J. S. Gomes. Um longo processo administrativo, pacientemente acompanhado pelo MAEDS, viria a determinar a aquisição da área arqueológica pelo Estado português. Bibliografia principal: Silva e Soares, 1987b.

Depósito votivo de Garvão – Participação nas escavações de emergência (1982), da iniciativa do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul do IPPC, efectuadas no depósito secundário de um santuário, localizado na encosta do “Cerro do Castelo” de Garvão, na sequência de trabalhos de saneamento básico. O *bothros* foi constituído na segunda metade do séc. III a.C., tendo recebido um numeroso e notável conjunto de espólio cerâmico e votivo de que se destacam placas de prata e ouro com a representação de olhos, ex-votos relacionáveis com o culto de divindade com poderes na cura de doenças de olhos. Em Garvão existe ainda, actualmente, um santuário dedicado a Santa Luzia que parece remontar às Idades Média/Moderna e onde observámos alguns ex-votos semelhantes aos do depósito votivo sidérico. Equipa de arqueólogos responsável pela intervenção e estudo dos materiais: Caetano de Melo Beirão, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Mário Varela Gomes e Rosa Varela Gomes. Bibliografia principal: Beirão *et al.*, 1985.

Vale Marim (Sines) – Participação nas escavações de emergência (1983) da responsabilidade do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do GAS, levadas a efeito no extenso povoado de ar livre, mesolítico, de Vale Marim, localizado na extremidade norte da baía de S. Torpes. Direcção de Joaquina Soares.

Castelos (Vila do Torrão) – Realização de sondagem prospectiva (1984/85) na colina conhecida pelo nome de “Castelos”, integrada no casco histórico da vila do Torrão. Foi identificado um povoado calcolítico, sobreposto por ocupações dos sécs. XVI-XVIII. Direcção de Carlos Tavares da Silva e J. Soares. Bibliografia: Silva e Soares, 1986b.

Samouqueira (Sines) – Participação, juntamente com uma equipa da Universidade de Alberta (Canadá), em duas campanhas de escavação (1984-85), da iniciativa do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do GAS, no sítio mesolítico de Samouqueira. Direcção dos trabalhos: Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e David Lubell. Bibliografia: Soares, 1995 e 1996.

Medo Tojeiro (Almograve) – Participação, juntamente com uma equipa da Universidade de Alberta e com o Grupo de Trabalhos de Arqueologia do GAS, em uma campanha de escavação (1984) no concheiro do Neolítico antigo de Medo Tojeiro. Bibliografia: Silva, Soares e Penalva, 1985.

Castelejo (Vila do Bispo) – Realização de quatro campanhas de escavação (1985, 1986, 1988, 1989) no concheiro da Praia do Castelejo, integradas no projecto de investigação “A transição das comunidades mesolíticas para as primeiras sociedades produtoras de alimentos/processo de neolitização no Sul de Portugal”. A escavação revelou uma longa diacronia, com níveis do Epipaleolítico (Boreal), Mesolítico e Neolítico antigo. Apoio do Instituto Português do Património

nio Cultural e da Câmara Municipal de Vila do Bispo. Direcção de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva. Bibliografia: Soares, 1996a.

Anta Grande do Zambujeiro – Participação nos trabalhos arqueológicos promovidos pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul do IPPC, com vista à recuperação do monumento (1985). Realização de corte estratigráfico na mamoa que permitiu não só conhecer a técnica construtiva da mesma, como atribuir a fundação do monumento ao Neolítico final; descoberta e estudo de estela-menir existente na periferia do *tumulus*; acompanhamento do levantamento aerofotogramétrico. Direcção de Carlos Tavares da Silva.

Herdade do Pessegueiro (Sines) – Participação em duas campanhas de escavação (1985-86) promovidas pelo Grupo de Trabalhos de Arqueologia do GAS. Durante as intervenções referidas foram escavados os monumentos funerários II e IV, o primeiro, do Bronze II do Sudoeste e o segundo, protomegalítico. Direcção de Carlos Tavares da Silva.

Vale Pincel I (Sines) – Participação nas escavações de emergência (1986) realizadas em extensão no povoado do Neolítico antigo de Vale Pincel I. Estas foram motivadas pela construção da esteira industrial da central termo-eléctrica de S. Torpes. As escavações, da responsabilidade do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do GAS, permitiram recuperar a organização interna do povoado e foram dirigidas por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Bibliografia principal: Soares e Silva, 1979; Silva e Soares, 1981; Silva e Soares, 1987a.

Montes de Baixo (Rib.^a de Seixe) – Intervenção arqueológica (1986) integrada no projecto de investigação sobre a “A transição das comunidades mesolíticas para as primeiras sociedades produtoras de alimentos/processo de neolitização no Sul de Portugal”. Localizado na margem direita do paleoestuário da Rib.^a de Seixe, este concheiro forneceu uma estratigrafia complexa, onde se reconheceram ocupações mesolíticas e do Calcolítico inicial. Apoio do Instituto Português do Património Cultural. Direcção de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. Bibliografia: Silva e Soares, 1997b.

Quinta da Cerca (Palmela) – Sondagens de salvamento (1987 e 1989) no povoado de ar livre do Neolítico antigo evolucionado, destruído na sua maior parte pela urbanização que se estende para este do Cine-Teatro de S. João. Na base da sequência estratigráfica foi identificado um nível com materiais atribuíveis ao Paleolítico Médio.

Creiro (Arrábida) – Escavações em extensão (1987 e 1988), no âmbito da revalorização turístico-cultural da área, da iniciativa do Parque Natural da Arrábida. Apoio da Junta de Freguesia de S. Lourenço. Direcção de Carlos Tavares da Silva e Antónia Coelho Soares. Foi posto a descoberto um complexo de preparados piscícolas da Época Romana, que remonta ao séc. I e é constituído por oficina de salga de peixe, armazéns, balneário e sistema de captação e armazenamento de água. Identificou-se um nível de ocupação, de curta duração, do período muçulmano. Bibliografia: Silva e Soares, 1987.

Martinhal (Vila do Bispo) – Participação nas escavações de salvamento realizadas em 1987, por iniciativa do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul e com o apoio da Associação Arqueológica do Algarve, no complexo oleiro de produção de ânforas dos sécs. IV e V da Praia do Martinhal. Direcção de Carlos Tavares da Silva e Antónia Coelho Soares. Bibliografia: Silva, Soares e Correia, 1990.

Charneca de Fratel (Vila Velha de Ródão) – Participação nas escavações promovidas pelo Gabinete de Estudos Arqueológicos de Vila Velha de Ródão, em 1988. Povoado do Neolítico final e Calcolítico. Equipa: Joaquina Soares, Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho Soares, João Carlos Caninas e Francisco Henriques. A escavação revelou o primeiro povoado calcolítico fortificado por muralha e bastiões da região Centro. Bibliografia: Soares, 1988.

1990-1999

Camarral (Palmela) – Intervenção arqueológica de salvamento, realizada em duas campanhas (1990-91), previamente ao plantio de um pomar. As escavações revelaram um acampamento do Mesolítico.

Abul (Alcácer do Sal) – Efectuaram-se nove campanhas de escavação e de registo arquitectural no sítio de Abul (1990-1998). Estas intervenções integraram-se em um subprojecto (a feitoria fenícia de Abul e o comércio fenício no Atlântico) do amplo programa de investigação luso-francês “Exploração Arqueológica do Sado”, levado por diante através de uma parceria entre a Universidade de Bordéus – Missão Arqueológica Francesa em Portugal e o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, com o apoio do IPPAR, Fundação Calouste Gulbenkian, Embaixada de França em Lisboa, Ministério dos Negócios Estrangeiros de França e Reserva Natural do Estuário do Sado. Direcção de Françoise Mayet e Carlos Tavares da Silva, coadjuvados por António Júlio Costa. Em Abul, foram postos a descoberto uma feitoria fenícia do séc. VII a.C., um santuário de tradição fenícia dos finais do séc. VI e do V a.C. e um centro oleiro de produção de ânforas da Época Romana (séc. I a meados do séc. III d.C.). Bibliografia principal: Mayet e Silva, 1992 e 1997.

Herdade do Pinheiro (Alcácer do Sal) – Escavações arqueológicas entre 1990 e 1994, no complexo de produção anfórica do Pinheiro, produção destinada à embalagem e transporte de salgas de peixe produzidas no estuário do Sado, entre o séc. I e o V d.C. Trabalhos integrados no projecto “Exploração Arqueológica do Sado”. Bibliografia: Mayet, Schmitt e Silva, 1996; Mayet e Silva, 1998.

Largo João de Deus (Sines) – Escavação (1990-91) de oficina de preparados piscícolas, construída no séc. I d.C. e activa até aos finais do séc. II/inícios do séc. III. Uma parte da fábrica funcionou até ao séc. V, enquanto o restante edifício foi utilizado para funções domésticas. Direcção de Carlos Tavares da Silva. Bibliografia: Silva e Soares, 1998.

Santa Marinha (Melides) – Intervenção arqueológica de salvamento (1992). *Habitat* mesolítico; forneceu indústria lítica de faciés geométrica rica em trapézios. Sítio muito destruído por abertura de estrada e exploração de areias. Direcção de Joaquina Soares.

Castelo de Sines – Participação, no âmbito dos trabalhos de recuperação do castelo de Sines, em intervenção arqueológica, de parceria com a Câmara Municipal de Sines e Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina. A escavação revelou vestígios de ocupações do Paleolítico, Epipaleolítico e Época Romana, sobre as quais foi edificado o castelo de Sines, na primeira metade do séc. XV. Bibliografia: Silva e Soares, 1998a.

Povoado neolítico do Gaio (Moita) – Escavação de emergência no sítio do Gaio (1994), previamente à urbanização do local. Direcção de Joaquina Soares, coadjuvada por António Gonzalez, que procedeu à identificação da jazida. Embora o sítio se encontrasse muito destruído, foi ainda possível recuperar estruturas domésticas e uma cultura material características do Neolítico antigo evoluído. O melhor paralelo para a cultura material deste povoado encontra-se no da Quinta da Cerca (Palmela).

Área urbana de Setúbal – Prosseguiu-se o programa de arqueologia urbana, com o apoio do IPPAR. As intervenções foram determinadas por obras de renovação no Centro Histórico de Setúbal:

- *Rua António Januário da Silva (n.ºs 13 e 15)* – Escavações arqueológicas ocorridas em 1994, em dois pequenos lotes. Na base de potente sequência estratigráfica, identificou-se um estrato correspondente à ocupação da Época Romana, assente sobre areias fluvio-marinhas da restinga que então existia entre o sopé da colina de Santa Maria e a foz da Rib.^a do Livramento. Das estruturas pós-romanas merece destaque um arco gótico de grandes dimensões que pode ter pertencido a um edifício público situado nas imediações do pano sul da muralha do séc. XIV. Aquele foi conservado *in situ*. Direcção de Joaquina Soares.
- *Praça de Bocage/Av. Luisa Todi (edifício Montepio)* – Escavação arqueológica de salvamento (1997) em uma extensão relativamente ampla (250m²). Direcção de Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares. A primeira ocupação do local remonta ao período muçulmano/inícios do período cristão e encontra-se representada por estacaria. Nos sécs. XIII-XIV regista-se um deslocamento da linha de costa para sul, formando-se uma praia onde funcionou um chão ou tendal de secar peixe. Em meados do séc. XIV foi edificada a muralha da vila. A urbanização da área remonta ao séc. XV, com a construção de possíveis armazéns. O sismo de 1531 arruinou os edifícios aí existentes e afectou, inclusivamente, a igreja de S. Julião. A partir desta data o local comportou-se como terreiro do adro da igreja. Das fases construtivas dos sécs. XVII e XVIII poucos vestígios se conservaram, em resultado da implantação das infra-estruturas do imóvel do último quartel de séc. XIX. Bibliografia: Soares, 1997.

- *Travessa de João Gato* – Escavação (1997) em um pequeno lote (30m2) do Centro Histórico de Setúbal. Direcção de Carlos Tavares da Silva e Antónia Coelho Soares. A intervenção proporcionou a identificação de estruturas e elementos arquitectónicos do séc. II que parecem relacionar-se com um edifício público. A estratigrafia revelou uma ocupação do séc. I ao séc. VI d.C. e uma reocupação a partir dos sécs. XV/XVI.
- *Rua Estêvão de Vasconcelos (n.º 36)* – Escavação (1999) de um lote localizado dentro da cerca medieval e na zona do paleossapal que se desenvolveu a norte da restinga que, enraizada no sopé da colina de Santa Maria, se estendia até à actual Praça de Bocage. Direcção de Carlos Tavares da Silva. A intervenção mostrou que o local apenas foi edificado no séc. XV. A última fase construtiva, da segunda metade do séc. XVIII, resultou da reconstrução de imóvel anterior ao sismo de 1755. Bibliografia: Soares, 1999.
- *Rua António Joaquim Granjo (n.º 39)* – Pequena sondagem, com uma área de 12 m2, realizada em 1999. Direcção de Carlos Tavares da Silva. Ao contrário das expectativas, não se encontraram vestígios da Idade do Ferro. A camada mais antiga é da Época Romana (séc.I). Os níveis dos séculos II e III foram muito afectados pela ocupação dos séculos IV-V, durante a qual foram abertas fossas de grandes dimensões destinadas à acumulação de lixos domésticos. Entre esta fase de utilização do espaço e os finais da Idade Média/inícios da Idade Moderna, observou-se um hiato na sequência estratigráfica. Bibliografia: Soares, 1999.

Ponta da Passadeira (Barreiro) – Intervenção de salvamento (1995) em uma jazida arqueológica da margem sul do Tejo, em processo de destruição pela erosão fluvial. Os trabalhos prosseguiram em 1998 e 1999, no quadro de um projecto de investigação: Povoamento e Arqueologia da Paisagem durante a Pré-história recente e a Proto-história no Sector Oriental da Arrábida. Contaram com o apoio da Câmara Municipal do Barreiro e do IPA. Direcção, das escavações e do projecto, de Joaquina Soares. Os trabalhos desenvolvidos revelaram uma ocupação do Paleolítico Médio e outra do Neolítico final/Calcolítico inicial. Os estratos desta última ocupação têm sido escavados em maior extensão. Com uma idade de cerca de 5000 anos, o referido povoado desenvolveu uma economia ribeirinha, onde a produção cerâmica deteve papel de relevo; foram identificados mais de uma dezena de fornos de cozer cerâmica. Bibliografia: Soares, 1996b; Silva e Soares, 1998b.

Casa Nova (Santo André) – Intervenção de salvamento (1996) em um povoado plano e aberto da margem esquerda da Rib.^a da Cascalheira, descoberto e parcialmente destruído aquando dos trabalhos de construção do oleoduto Sines-Aveiras. A intervenção mostrou tratar-se de um povoado da Idade do Bronze, com uma única camada de ocupação. Direcção de Carlos Tavares da Silva.

Chibanes (Palmela) – Programa de investigação arqueológica de um dos principais povoados estáveis da Pré-história recente e da II e III Idades do Ferro da Península de Setúbal. Iniciado em 1996, com o apoio do IPPAR, Parque

Natural da Arrábida e Câmara Municipal de Palmela, viria, a partir de 1998, a integrar o projecto: Povoamento e Arqueologia da Paisagem durante a Pré-história recente e a Proto-história no Sector Oriental da Arrábida. A sua escavação deverá ainda prosseguir durante os próximos anos, com o apoio do IPA e Parque Natural da Arrábida. Direcção de Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva. Os trabalhos efectuados deram a conhecer a existência de uma fortificação calcolítica, sobreposta por um castro da II Idade do Ferro e por fortaleza do período romano-republicano (III Idade do ferro). Bibliografia principal: Silva e Soares, 1997a.

Horto da Sapec (Setúbal) – Escavações de emergência (1998) que vieram revelar uma indústria tipologicamente atribuível ao Paleolítico médio, predominantemente sobre quartzo, integrada em cascalheira quartzítica remobilizada (fluvio-coluvionar), na margem esquerda de um antigo esteiro da Rib.^a da Marateca. Direcção de Carlos Tavares da Silva. Bibliografia: Soares, 1998a.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1978) – Vidros do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IV, p. 155-170.

BEIRÃO, C. de M. e SILVA, C. T. da (1978) – O monumento megalítico de Fernão Vaz (Ourique). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IV, p. 29-45.

BEIRÃO, C. de M. [et al.] (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. S. IV, 3, p. 45-136.

BIRD, J. (1993) – Dystopia on the Thames. In BIRD, J. [et al.], eds. – *Mapping the futures. Local cultures, global change*. Londres e Nova Iorque: Routledge, p. 120-135.

CARDOSO, J. (1986) – Sedimentologia das camadas da base de alguns cortes estratigráficos da cidade de Setúbal: esboço da reconstituição paleogeográfica neles baseada. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Setúbal, 1985. Lisboa: IPPAR, p. 161-168.

DIAS, L. F. (1978) – As marcas de terra sigillata do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IV, p. 145-154.

DUNN, P. e LEESON, L. (1993) – The art of change in Docklands. In BIRD, J. [et al.], eds. – *Mapping the futures. Local cultures, global change*. Londres e Nova Iorque: Routledge, p. 136-149.

FEATHERSTONE, M. (1997) – Culturas globais e culturas locais. In FORTUNA, C., org. – *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta editora, p. 83-103.

FORTUNA, C. (1997) – Destradicionalização e imagem da cidade. O caso de Évora. In FORTUNA, C., org. – *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta editora, p. 231-257.

HARVEY, D. (1989) – *The Condition of Postmodernity*. Oxford: Basil Blackwell.

HARVEY, D. (1993) – From space to place and back again: reflections on the condition of postmodernity. In BIRD, J. [et al.], eds. –

- Mapping the futures. Local cultures, global change.* Londres e Nova Iorque: Routledge, p. 3-29.
- HEIDEGGER, M. (1966) – *Discourse of thinking.* Nova Iorque: Harper & Row.
- HODDER, I. (1998) – Trazando el mapa del pasado postmoderno. *Trabajos de Prehistoria.* Madrid. 55:1, p. 5-17.
- LEFEBVRE, H. (1991) – *The production of space.* Oxford: Basil Blackwell.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. da (1992) – Abul: um estabelecimento orientalizante do séc. VII A.C. no baixo vale do Sado. *Setúbal Arqueológica.* Setúbal. IX-X, p. 315-333.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. da (1997) – L'établissement phénicien d'Abul. In *Itinéraires Lusitaniens* Paris: E. de Boccard, p. 255-273.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. da (1998) – *L'Atelier d'Amphores de Pinheiro (Portugal).* Paris: E. de Boccard.
- MAYET, F.; SCHMITT, A. e SILVA, C. T. da (1996) – *Les amphores du Sado (Portugal). Prospection des fours et analyse du matériel.* Paris: E. de Boccard.
- MONTEIRO, J. P. (1980) – O acampamento do Bronze final das Pontes de Marchil. In *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal.* Lisboa: Centro de História das Universidades de Lisboa; Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 43-45.
- PRESSOUYRE, L. (1993) – *La convention du patrimoine mondial, vingt ans après.* Paris: Unesco.
- SILVA, C. T. da (1990) – Arqueologia de Setúbal. Para o conhecimento das origens da cidade. In *Setúbal na História.* Setúbal: Lasa, p. 105-122.
- SILVA, C. T. da (1996) – Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: a oficina romana do Largo da Misericórdia. In *Actas das primeiras jornadas sobre romanização dos estuários do Tejo e Sado.* Seixal: Câmara Municipal; Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 43-54.
- SILVA, C. T. da; PEREIRA, F. A. B. (1989) – *Convento de Jesus. 500 anos de arqueologia e história.* Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
- SILVA, C. T. da; SOARES, A. Coelho (1980-81) – A Praça de Bocage (Setúbal) na Época Romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica.* Setúbal. VI-VII, p. 249-294.
- SILVA, C. T. da; SOARES, A. Coelho (1987) – Escavações arqueológicas no Creiro (Arrábida). Campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica.* Setúbal. VIII, p. 221-237.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1976-77) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos da Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica.* Setúbal. II-III, p. 179-272.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1981) – *Pré-história da Área de Sines.* Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1986a) – *Arqueologia da Arrábida.* Lisboa: Ed. S.N.P.R.C.N.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1986b) – Intervenção arqueológica na Vila do Torrão: Ocupação calcolítica. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana,* Setúbal, 1985. Lisboa: IPPAR, p. 103-114.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1987a) – Les communautés du Néolithique Ancien dans le Sud du Portugal. In *Prémières Communautés Paysannes en Méditerranée Occidentale: Actes du Colloque International du C.N.R.S.,* Montpellier, 1983. Paris. p. 663-671.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1987b) – O povoado fortificado do Calcolítico do Monte da Tumba. I- Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica.* Setúbal. VIII, p. 29-79.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1993) – *Ilba do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Sudoeste.* Lisboa: Instituto de Conservação da Natureza.

- SILVA, C. T. da; SOARES J. (1997a) – Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*. Lisboa. VI, p. 33-66.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1997b) – Economias costeiras na Pré-história do Sudoeste português. O concheiro de Montes da Baixo. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 69-108.
- SILVA, C. T. da; e SOARES, J. (1998a) – Para uma Arqueologia do Castelo de Sines. In *Da Ocidental Praia Lusitana. Vasco da Gama e o seu Tempo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; Sines: Administração do Porto, p. 21-46.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. (1998b) – Os recursos marinhos nas estratégias de subsistência da Pré-história do Sul de Portugal. *Al-madan*. Almada. II S., 7, p. 71-82.
- SILVA, C. T. da; SOARES, A. Coelho e CORREIA, H. (1990) – Produção de ânforas romanas no Martinhal (Sagres). In *As ânforas lusitanas. Tipologia, produção, comércio*. Paris: E. de Boccard, p. 225-246.
- SILVA, C. T. da; SOARES, A. Coelho e SOARES, J. (1986) – Fábrica de salga da Época Romana na Travessa de Frei Gaspar (Setúbal). In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Setúbal, 1985. Lisboa: IPPAR, p. 155-160.
- SILVA, C. T. da; SOARES, J. e PENALVA, C. (1985) – Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo Litoral: o concheiro do Medo Tojeiro. *Arqueologia*. Porto. 11, p. 5-15.
- SILVA, C. T. da [et al.] (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SILVA, C. T. da [et al.] (1986) – Neolítico da Comporta: Aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*. Porto. 14, p. 59-82.
- SOARES, A. C.; SILVA, C. T. da (1979) – Ânforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. V, p. 205- 221.
- SOARES, J. (1978) – Nótula sobre cerâmica campaniense do Castelo de Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IV, p. 133-143.
- SOARES, J. (1988) – O povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico/Calcolítico da Região de Ródão-Nisa: Notícia Preliminar. *Alto Tejo*. Vila Velha de Ródão. 2, p. 3-6.
- SOARES, J. (1993) – O Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e os desafios dos anos 90. *Al-madan*. Almada. II S., 2, p. 81-83.
- SOARES, J. (1995) – Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. XXXV:2, p. 27-54. Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular.
- SOARES, J. (1996a) – Padrões de povoamento e subsistência no Mesolítico da Costa Sudoeste portuguesa. *Zephyrus*. Salamanca. 49, p. 109-124.
- SOARES, J. (1996b) – *Barreiro Pré-histórico. Ponta da Passadeira*. Barreiro: CMB; Setúbal: MAEDS.
- SOARES, J. (1996c) – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Actividades arqueológicas: 1996. *Al-madan*. Almada. II S., 5, p. 196.
- SOARES, J. (1997) – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Arqueologia 97. *Al-madan*. Almada II S., 6, p. 164-165.
- SOARES, J. (1998a) – Escavações Arqueológicas em Setúbal. *Al-madan*. Almada II S., 7, p. 8.
- SOARES, J. (1998b) – Arqueologia e Museologia. Experiências e perspectivas. *Al-madan*. Almada. II S., 7, p. 58-62.
- SOARES, J. (1998c) – Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal – 1998. Arqueologia e Património. *Al-madan*. Almada. II S., 7, p. 167-171.
- SOARES, J. (1999) – Noticiário arqueológico. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/99. *Al-madan*. Almada. II S., 8, p. 209-210.

- SOARES, J. (2000) – Arqueologia urbana em Setúbal: problemas e contribuições. In *Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: IPA, p. 101-130. (Trabalhos de Arqueologia; 14).
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1979) – Alguns aspectos do Neolítico antigo do Alentejo litoral. In *Actas da 1.ª Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, p. 9-50.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1980) – O Neolítico da Comporta. In *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*. Lisboa: Centro de História das Universidades de Lisboa, p. 13-17.
- SOARES, J. ; SILVA, C. T. da (1982) – Des structures d'habitat du Néolithique ancien au Portugal. In *Actes du Colloque International de Prehistoire*, Montpellier, 1981. Sète: Fédération Archéologique L'Herault.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1986) – Ocupação Pré-Romana de Setúbal. Escavações Arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Setúbal, 1985. Lisboa: IPPAR, p. 87- 101.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1995) – O Alentejo Litoral no Contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. In *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 136-139.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1998) – From the collapse of the Chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of iberian peninsula. In *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* Lisboa: IPA, p. 231-245.